



O PLANO DA CHINA PARA DOMINAR A AMÉRICA LATINA

Posted on 5 de janeiro de 2022 by Paulo Henrique Araujo



Categories: [América Latina](#), [China](#), [Comunismo](#), [Cultura](#), [Destaque](#), [EUA](#), [Geopolítica](#), [Movimento Revolucionário](#)

ATENÇÃO: Esta é uma tradução de reportagem publicada originalmente pelo [Jornal Daily Mail](#). O Seu conteúdo foi utilizado para análise em nosso canal no youtube, confira o programa abaixo:

A China fez um novo acordo com líderes da América Latina e do Caribe para aprofundar os laços em quase todas as áreas da sociedade no que um analista percebeu um plano para "assumir" a região.

Como parte do acordo, Pequim se comprometeu a fornecer à região tecnologia nuclear "civil", ajudando a desenvolver programas espaciais "pacíficos", construindo redes 5G do tipo que Washington adverte que serão usadas para espionar as pessoas, e para bombear empréstimos baratos e financiamento para "elaborar planos de desenvolvimento".

A China até se comprometeu a construir escolas e financiar aulas de ensino de língua e 'cultura chinesas', embora tais instituições tenham sido criticadas em outros lugares por promoverem propaganda estatal e limitarem a liberdade acadêmica.

A China vem de décadas de investimento e desenvolvimento chinês na América Latina e no Caribe, que tem visto centenas de bilhões de dólares serem derramados na região para construir infraestrutura crítica, como portos, estradas e usinas de energia, no que muitos acreditam ser uma tentativa de comprar poder e influência no quintal dos Estados Unidos.

Há absolutamente ambições de que a China se torne a influência dominante na América Latina", disse Mateo Haydar, um pesquisador da Fundação Heritage, na parte de trás do último acordo.



A China injetou dinheiro barato na América Latina e no Caribe durante anos, endividando governos e comprando influência. Onde não tem sido capaz de emprestar ou comprar, tem usado exércitos de trabalhadores baratos para construir projetos de infraestrutura chave, dando-lhe uma influência maior do que a sua. E esses laços devem se aprofundar com a assinatura de um novo pacto de cooperação.



O novo acordo inclui amplas promessas para os países da região de aprofundar os laços com Pequim em uma enorme variedade de setores, incluindo o comércio, que já viu a China reformular os EUA para se tornar o maior parceiro comercial da região (esquerda e direita)

O desafio é abrangente, e há um interesse militar e de segurança. ... Essa ameaça está crescendo, e é um tipo de ameaça diferente do que vimos com os soviéticos", disse ele ao Washington Examiner.

O professor Evan Ellis, do Colégio de Guerra do Exército dos EUA, acrescentou: "Os chineses não dizem: "Queremos conquistar a América Latina", mas definiram claramente uma estratégia de engajamento multidimensional, que, se bem-sucedida, ampliaria significativamente sua alavancagem e produziria enormes preocupações de inteligência para os Estados Unidos".

O acordo, oficialmente o 'Plano de Ação Conjunta para Cooperação em Áreas Chaves', foi assinado no mês passado entre a China e a CELAC, uma aliança dos Estados da América Latina e Caribe que engloba quase todos os países da região, incluindo os principais atores como Brasil, Argentina, Colômbia, Venezuela, Uruguai e Chile.

Embora seja uma luz sobre especificidades, ela estabelece um amplo roteiro para as relações entre a China e os países da região até 2024 - comprometendo-os a aprofundar os laços entre governos, bancos, empresas e instituições educacionais.

A maioria dos compromissos parece rotineira - como promessas de preservar o meio ambiente, desenvolver tecnologia verde e promover a igualdade e a sustentabilidade - mas alguns certamente darão às mentes na pausa do Pentágono para pensar.

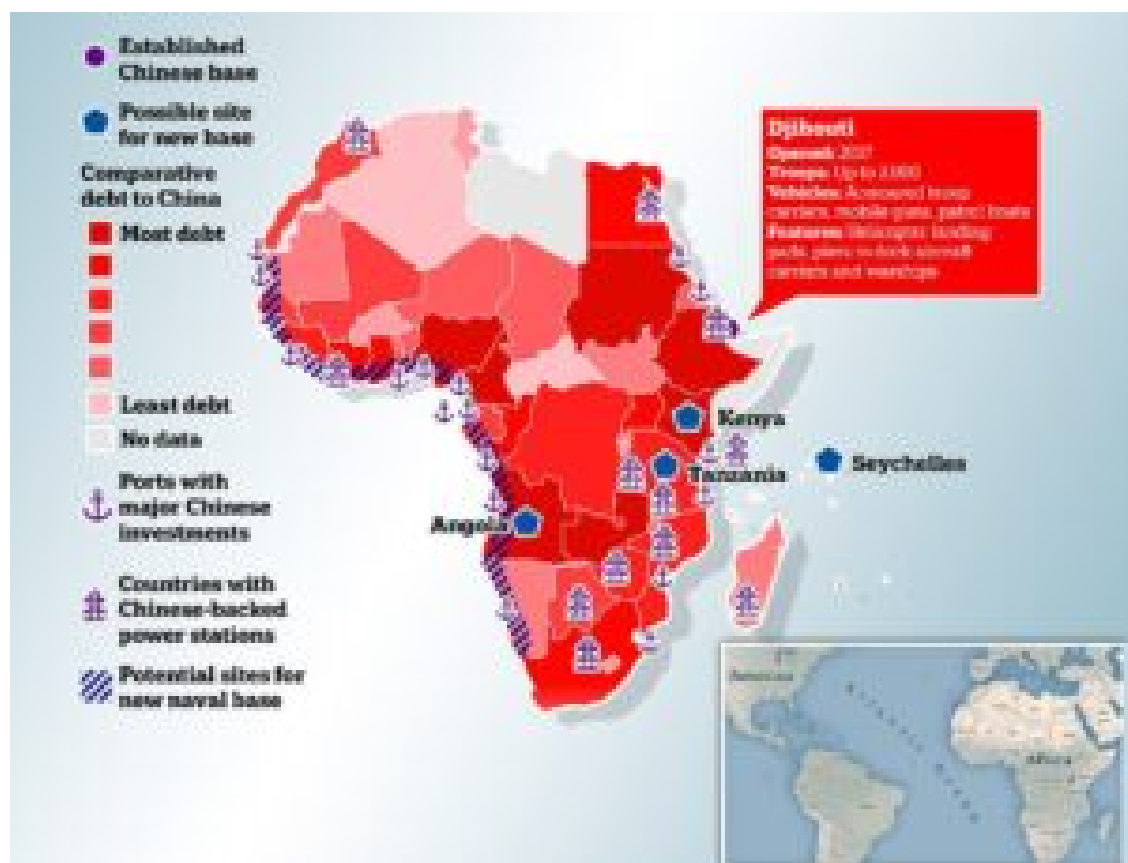
O primeiro é um compromisso de trocar tecnologia nuclear e promover 'projetos práticos relevantes', incluindo o treinamento de cientistas nucleares para 'trazer em jogo as vantagens oferecidas pela tecnologia nuclear e pela energia nuclear'.

O acordo especifica que isto será 'pacífico' e em outros lugares compromete as partes a buscar o 'desarmamento nuclear', mas quase certamente causará preocupação porque a tecnologia usada para enriquecer o combustível nuclear pode ser redirecionada para fabricar material de grau de armas para uso em bombas.

Washington também tem emitido avisos cada vez mais frequentes sobre empresas chinesas que prestam assistência aos militares nos últimos meses, e é provável que receie que qualquer empresa nuclear civil que se estabeleça na América do Sul esteja sendo usada para um duplo propósito.

Da mesma forma, a promessa da China de ajudar a desenvolver programas espaciais para a "exploração pacífica do espaço" também é provável que seja motivo de preocupação.

No passado, Pequim tentou fazer passar o lançamento de satélites espões como embarcações de "comunicação", e recentemente recuou em acusações de que havia testado uma bomba orbital hipersônica, dizendo que na verdade era uma nave espacial civil destinada à "exploração pacífica do espaço".



A China tem usado um

padrão semelhante de empréstimos baratos, projetos de construção e compras de infraestrutura chave para comprar influência na África que espera que ajude a superar a concorrência dos EUA. Pequim construiu agora sua primeira base militar ultramarina na região (marcada no mapa) e pensa-se que esteja explorando um local por um segundo



A China bombeou pelo

menos US\$ 7 bilhões em investimentos no Caribe desde 2005, os registros mostram, embora o número real - quando se leva em conta os acordos de empréstimos em condições favoráveis e os investimentos privados - seja estimado em dezenas de bilhões. Entre os projetos estão um estádio de críquete em Granada, um cassino e um resort nas Bahamas, e a aquisição do maior porto da Jamaica.

Como parte do acordo, as duas partes se comprometem a cooperar na "construção de infraestrutura terrestre" para apoiar programas espaciais, levantando a possibilidade de que tal tecnologia possa ser lançada, controlada ou monitorada em breve a partir das portas dos EUA.

E essa não é a única área em que a tecnologia chinesa e sul-americana provavelmente vai se combinar. O acordo também promete maior cooperação em "infraestrutura digital, equipamentos de telecomunicações, 5G".

Os EUA têm estado fechados em uma guerra por procuração com a China durante anos durante a implantação da tecnologia 5G, desde que surgiu que Pequim estava se adiantando na corrida para construir as novas redes de informação do mundo.

Mike Pompeo, ex-secretário de Estado americano, pressionou fortemente nos últimos anos da

administração Trump para persuadir as nações ocidentais e aliados americanos a abandonar a tecnologia, advertindo que ela seria usada para espionar os usuários.

Os países sul-americanos têm estado no epicentro da batalha, tentando apaziguar tanto Pequim quanto DC. Jair Bolsonaro, presidente brasileiro e aliado próximo de Trump, prometeu inicialmente excluir a Huawei - uma das maiores empresas de tecnologia da China - de administrar parte de sua rede, apenas para reverter essa postura quando Trump deixasse o cargo.

De acordo com o texto do acordo, é uma luta que parece destinada a continuar por mais algum tempo.

A China e os estados latino-americanos também concordaram em cooperar diretamente entre suas forças armadas, aparentemente com o objetivo de combater o terrorismo e derrubar as redes criminosas organizadas.

Os dois lados disseram que irão "compartilhar conhecimentos, políticas, tecnologias e experiências" para enfrentar as ameaças, sugerindo algum nível de cooperação e compartilhamento de inteligência entre suas forças militares e policiais.

Outras promessas parecem ser uma continuação de projetos de infraestrutura já em andamento na região, muitos dos quais construídos como parte da iniciativa de trilhões de dólares da China de Cinturão e Estradas.

Estes incluem o aprofundamento dos laços nos mercados comerciais e financeiros, incluindo investimentos e empréstimos para "planos de desenvolvimento elaborados", e ajuda na "transição para a energia verde" através da construção de novas usinas elétricas.

A China também se comprometeu a ajudar com a exploração de petróleo, gás e mineração, embora as reivindicações de projetos verdes tenham prioridade sobre os combustíveis fósseis.

Uma última promessa que pode ser preocupante é que a China construa os chamados "Institutos de Confúcio" e salas de aula, que são escolas e programas educacionais destinados a ensinar a língua e a cultura chinesas.

Mas as instituições têm sido acusadas de divulgar informações falsas e propaganda estatal chinesa, inclusive por um dos próprios funcionários da China - o líder sênior do PCC Li Changchun - que certa vez descreveu as escolas como "uma parte importante da estrutura de propaganda ultramarina da China".



Como parte do acordo, a China ajudará a desenvolver os programas espaciais das nações latino-americanas, incluindo a "construção de infraestrutura terrestre" na região (foto, China lança um satélite a partir de seu território em 30 de dezembro)



A China tem conversas com a Argentina para construir um novo reator nuclear em seu complexo Atucha (foto), e se comprometeu a compartilhar mais tecnologia nucleares com os países da América do Sul nos próximos dois anos



A China também estabelecerá um número crescente de Institutos de Confúcio na região - escolas que ensinam a língua e "cultura chinesas", mas que, segundo os EUA, na verdade empurram a propaganda estatal para as crianças. Washington designou a sede dos Institutos de Confúcio nos EUA como uma missão estrangeira chinesa - ou seja, de propriedade ou controlada pelo Estado - com Mike Pompeo acusando as escolas de "fazer avançar a campanha global de propaganda e influência maligna de Pequim".

O acordo é apenas o último de uma longa linha de empréstimos, acordos comerciais, projetos de construção e outros investimentos na América Latina e no Caribe que viu Pequim flexionar seu crescente músculo econômico enquanto a força dos Estados Unidos enfraquece.

Desde 2005, os três maiores bancos de investimento estatais da China emprestaram cerca de US\$ 140 bilhões a países da América Latina para pagar tudo, desde usinas nucleares a barragens, estradas a ferrovias, portos e redes telefônicas.

Bilhões a mais - ninguém sabe bem quantos - foram emprestados através de contratos com bancos comerciais, iniciativas financeiras privadas e outros acordos que são opacos e difíceis de rastrear, embora os pesquisadores tenham descoberto que, às vezes, os acordos anões são feitos nos livros.

Enquanto isso, o comércio chinês com a América Latina disparou mais de 25 vezes, passando de US\$ 12 bilhões em 2000 para US\$ 315 bilhões em 2020, pois quase metade dos países da região viu seu maior parceiro comercial passar dos EUA para a China - incluindo três das quatro maiores economias: Brasil, Argentina e Colômbia.

Tudo isso dá à China a alavancagem que ela usa para conseguir seu próprio caminho no cenário internacional, desde ganhar votos na ONU até isolar seus inimigos - mais notadamente Taiwan, já que Pequim frequentemente exige que os países cortem os laços diplomáticos com a ilha antes que ela entregue dinheiro.

Ainda mais países aderiram à iniciativa "China Belt and Road", um projeto global de construção de um bilhão de dólares que visa melhorar as redes comerciais e a infra-estrutura, o que será benéfico para a China a longo prazo.

Entre os parceiros notáveis estão a Venezuela - que também tem uma grande dívida com a China - o Equador e o Panamá, que contém o extremamente valioso Canal do Panamá que foi originalmente construído com financiamento dos EUA.

Cuba é outro país que tem cantado até Belt and Road, e esta semana anunciou que aceitará a ajuda chinesa para atualizar sua rede elétrica com foco em energias renováveis.

Carlos Miguel Pereira, embaixador de Cuba em Pequim, fez o anúncio após uma conferência sobre energia para membros da Belt and Road, convidando empresas e investidores chineses a se envolverem.

Mas os EUA começaram a recuar. Em setembro deste ano, Biden enviou equipes diplomáticas para a América do Sul com o objetivo de tomar sua iniciativa Build Back Better - que começou como seu plano para reconstruir os EUA depois do Covid - global sob a marca Build Back Better World ou BW3.

As 'listening tours' foram projetadas para identificar projetos onde os Estados Unidos pudessem se envolver, oferecendo-se para competir com a China com produtos de melhor qualidade e um melhor registro de entrega.

Por exemplo, a China ajudou o Equador a construir duas represas hidroelétricas durante a última década - mas a represa Coca Codo Sinclair desde então tem encontrado grandes problemas, inclusive causando derramamentos de petróleo e sofrendo rachaduras.

Muito poucos projetos fazem sentido do ponto de vista econômico e muitas vezes têm padrões de trabalho e ambientais muito ruins", disse um funcionário da administração Biden na época.

Um evento BW3 está planejado para o início do próximo ano, onde mais detalhes serão anunciados, incluindo o financiamento do projeto, embora não tenham sido assumidos compromissos sobre a quantidade de dinheiro que será gasto.